

O USO DOS MATERIAIS ARTÍSTICOS E O ENSINO DE ARTES VISUAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA¹

Débora Ozana do Nascimento²

Luciana Borre (Orientação)³

RESUMO

Palavras-chave: Arte/educação, Abordagem Triangular, Educação Infantil

O questionamento que busco desenvolver neste artigo é como os materiais para Artes podem ser utilizados e as seus desafios. As atividades foram realizadas com estudantes do ensino infantil de uma escola pública municipal de Olinda. O estudo apresenta muitas reflexões sobre a prática em sala de aula, o uso dos materiais artísticos e a relação conteúdo/realidade partindo do olhar de uma jovem professora em processo de formação.

ABSTRACT

The question I seek to develop in this article is how Arts subjects can be used and their challenges. The activities were carried out with early childhood education students from a municipal public school in Olinda. The study presents many reflections on classroom practice, the use of artistic materials and the content/reality relationship from the perspective of a young teacher in the training process.

Keywords: Art/education, Triangular Approach, Early Childhood Education.

¹Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), apresentado à banca de defesa – Prof^a Dra^o Luciana Borre, Prof^a Dra^o Bete Gouveia, Prof^a Mayele Maria de Souza de Oliveira

² Estudante do curso de Artes Visuais – Licenciatura (UFPE)

³ Prof^a Dr^a Luciana Borre do Departamento de Artes e Comunicação da UFPE

EM SALA DE AULA

Nascida e criada no bairro de Aguazinha, em Olinda/PE, estudei em instituições locais de pequeno porte durante toda a minha trajetória escolar. Lembro que o meu contato com as Artes Visuais nessas escolas era baseado no uso de métodos tradicionais de ensino em sala de aula. Nesse tipo de metodologia os estudantes são espectadores das aulas, a/o professora/r é o detentor central do conhecimento, as atividades são repetitivas e há o foco em avaliações finais. Em minha realidade como estudante, as/os docentes que ministravam as aulas de artes não eram formados na área e utilizavam aquele tempo de aula como entretenimento para ocupar a carga horária e sem grandes preocupações com as nossas perspectivas. Geralmente, colori cópias de desenhos e utilizei lápis de cor, hidrocor, giz de cera, papel crepom, folha de ofício e cola branca como recursos expressivos. Não existiam experimentações de técnicas diversas ou a utilização de recursos, tais como pintura ou desenho livre. Sobre este tempo, penso muito sobre a educação bancária, termo que refere-se ao ato e apenas depositar conhecimento nos estudantes, uma educação passiva, criticada por Paulo Freire (1968), no livro *Pedagogia do Oprimido*.

No ensino médio fui estudar em uma escola de tempo integral e isso mudou muito a minha visão sobre as artes visuais. Era uma escola de referência que valorizava as expressões artísticas e as/os estudantes tinham autonomia para fazer ornamentações e interferências imagéticas nas salas de aula. A minha professora de Artes Visuais estava atenta às metodologias, contextualizando as obras e apresentando produções artísticas frequentes. Essas atividades me deixaram próxima das artes, pois desenvolvi práticas e conheci novos artistas e as suas produções. Certa vez, a professora trouxe uma proposta para usarmos fichários para documentar as nossas atividades e conteúdo ao longo do semestre, tendo as nossas produções armazenadas ali. Na universidade, anos depois, cursando componentes curriculares em educação, percebi que aquela metodologia era usada por arte educadoras/es também.

Após ingressar na Universidade e estar cursando uma licenciatura em Artes Visuais obtive ainda mais gosto pela prática artística e sobre como ela pode mudar, transformar e enriquecer a nossa poética pessoal e o jeito que nós vemos a arte no mundo. Estava encantada com o universo do Ensino das Artes Visuais, mas surgiram inquietações durante o meu primeiro estágio curricular obrigatório. Sendo esta uma experiência paradoxal, pois consegui reviver uma realidade escolar que estava um pouco distante de mim, mas agora eu tinha um certo poder para transformá-la.

Quando iniciei a minha regência senti a dificuldade em colocar em prática as minhas ideias e pensar os conteúdos, foi necessário observar melhor o contexto da

escola e as vivências das/os estudantes para desenvolver as atividades. Minha referência foi a Abordagem Triangular de ensino, construída pela pesquisadora/educadora Ana Mae Barbosa. Entretanto, em alguns momentos também tive que me adequar ao contexto de uma educação tradicional. Acredito que pela minha falta de experiência como professora em sala de aula, tive momentos de insegurança e procurei o que seria menos arriscado. A escola disponibiliza materiais básicos para as aulas, então construí meu plano de aulas a partir do que estava disponível. A partir da boa aceitação e retorno satisfatório da turma em algumas atividades propostas, consegui construir boas vivências como docente. A Escola em que estagiei sofreu problemas, tais como: falta de água, alagamentos nas suas proximidades, ausência de materiais pedagógicos, espaço externo reduzido para execução das atividades. São essas experiências que compartilho neste trabalho.

Fala-se amplamente da arte com enfoque na expressão da poética pessoal do artista ou de processos criativos, todavia a arte/educação nas escolas é fragilizada e o seu poder de atuação é minimizado pela supervalorização de outras disciplinas. Reconheço que as escolas públicas e privadas sofrem com fragilidades e a falta de estrutura física adequada, utilizando-se das mesmas metodologias desde quando foi implantada a disciplina de Artes nas escolas em meados dos anos 60. A pesquisa que desenvolvo vem com um recorte social de uma escola de um bairro simples, afastada do centro.

A principal pergunta que busco desenvolver neste texto é: como a utilização de materiais para artes pode contribuir com o ensino das Artes Visuais na educação Básica, na Abordagem Triangular? Como objetivos específicos tenho: a) descrever a minha atuação pedagógica desenvolvida durante estágio curricular obrigatório em uma escola da rede Estadual de Ensino de Pernambuco, no Ensino Fundamental I; b) refletir sobre minhas ações pedagógicas com o uso de materiais diversos nas aulas de Artes Visuais, especificamente com a linguagem da pintura e; compreender o uso dos materiais artísticos no campo na arte/educação por meio da Abordagem Triangular.

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM ARTES VISUAIS EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Mediante a observação das aulas e do cotidiano das/os discentes percebi que o trabalho com os fundamentos das cores seria o ideal. O projeto “A semana das cores” surgiu dos apontamentos feitos pelos próprios estudantes, que diziam que a pintura com lápis de cor, giz de cera e o desenho impresso (que são tradicionalmente usados) não estava suprimindo as necessidades criativas deles. Havia uma escassez de materiais como giz de cera com cores amplas para a utilização. Assim, as três aulas que ministrei foram divididas em: cores primárias,

cores secundárias e terciárias usando tons de pele e desenho de observação feito ao ar livre.

Utilizei a Abordagem Triangular criada pela educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa (1991) para montar os esquemas das aulas. Contextualização, apreciação/fruição e o fazer artístico são os eixos que sustentam esse conhecimento onde não tem uma ordem de execução, porém se complementam. Ana Mae sugere que essa proposta favorece a democratização da arte e a cultura, não somente a dita erudita, mas também a das comunidades. Uma questão importante também é a ampliação do repertório sociocultural onde se possibilita que as/os estudantes compreendam melhor o que foi estudado.

Em aula, produzi cartazes e os fixei no quadro para introdução do assunto das cores, sendo assim eles poderiam ver e ouvir conectando os saberes. Além das referências visuais levei um godê e uma paleta para misturar os pigmentos. As crianças estavam na faixa de 5 e 6 anos e normalmente são agitadas e com bastante energia, sendo essa a minha maior preocupação. Mas, as/os estudantes se mantiveram atentos às minhas explicações e responderam às minhas perguntas (e perguntaram também) o que deixou a aula mais interativa. Vale relatar que os materiais utilizados na aula foram somente aqueles disponibilizados pela escola. A tinta guache estava guardada no armário e sem uso, pois segundo a professora regente “trabalhar com esse material sujava muito”. De fato, trabalhar com qualquer tinta tem o risco de sujar o ambiente, mas os benefícios de usar os materiais expressivos são maiores para vivência escolar das/os aprendizes em artes visuais. Logo abaixo, mostro imagens da aula sobre a teoria da cor, desde a parte da demonstração da técnica, organização dos materiais e pinturas feitas pelas/os estudantes de forma individual no caderno de desenho. Meu objetivo era a conscientização sobre os processos de mistura e transformação das cores. As/os aprendizes ficaram bem interessadas/os a respeito das transformações físico/químico da cor.





Fig. 1, 2, 3, 4, 5 e 6: Atividades desenvolvidas em sala de aula. Acervo Pessoal.

Utilizando o caderno de desenhos das/os estudantes e a tinta guache, sugeri que eles transformassem os dedos em pincel para misturar as cores primárias, gerando novas cores. Nessa prática eles se surpreenderam com os resultados e se entusiasmaram. Frases como "eu fiz essa cor, tia " eram frequentes mesmo utilizando os recursos mais simples possíveis. O uso do material a partir de uma técnica (teoria da cor) trouxe novas experiências, o que me fez continuar investindo nessa exploração de recursos.

No segundo dia o enfoque estava nas cores secundárias e terciárias, onde demonstrei que era possível enxergá-las na cor da pele de cada um. Trouxe novamente o godê e a paleta para demonstração, mas levei um material diferenciado do convencional: uma caixa de giz de cera com 12 tons de pele. Apresentei para as crianças e mostrei a diversidade das cores de pele. O giz de cera que eles estavam acostumados a usar possuía o salmão como a denominada "cor de pele" e, para mim, isso era um estereótipo problemático visto que a turma era formada por muitos estudantes negros e pardos. Como prática, sugeri que elas/es fizessem o contorno da própria mão utilizando um lápis grafite e escolhessem o giz de cera mais verossímil ao seu tom de pele. Ao ofertar o giz de cera elas/es poderiam escolher a cor para colorir o desenho da mão no papel. A turma comentou: "tia, essa cor está muito escura comparada a minha", "eu não sabia que era essa cor", "são muitas cores diferentes", "nossa que legal essa é a minha cor!"

Uma das preocupações que eu desenvolvi no período de observação foi a ampliação do repertório visual, pois elas/es estavam em uma sala de aula pequena, sem janelas e com os recursos limitados. Mediante a leitura do livro *Arte contemporânea e Docência com crianças: Inventários educativos* (RANGEL, 2021) utilizei as experiências das/os professoras/es como um referencial de encorajamento naquele momento. Termos, tais como: *apropriação em arte*, *apagamento simbólico*, *explorar os riscantes* e, principalmente, *arte contemporânea* passaram a fazer parte do meu próprio repertório.

Para a última atividade, denominada “as cores da natureza”, resolvi criar um desafio maior do que as quatro paredes na sala de aula. Em uma tarde de sexta-feira organizei as/os estudantes, e com a permissão prévia da professora orientadora, as/os levei para fora da escola. A instituição se localiza no topo de uma ladeira onde existem casas com jardins para o lado da rua e também uma grande árvore que é quase um monumento daquela localidade. Naquele dia aprendi muito com o grupo, pois visualizei que era possível interligar meus conhecimentos acadêmicos com a prática pedagógica, sendo isso um benefício para as/os estudantes e para a minha própria formação docente. Segundo Wozniak e Lampert (2016) em sua tese, precisamos compreender Arte e Arte/Educação como experiência, precisamos procuramos instaurar em nossas práticas educativas métodos que dialoguem, mas que também avancem para uma reflexão crítica do contexto e do próprio sujeito, que pensam o ser artístico, professor e pesquisador. Em minha última semana de estágio propus a atividade que levaria as crianças ao desenho de campo mostrando as imagens 7, 8 e 9. Primeiramente, observamos a localidade, instruí as crianças para ficarem somente nas formas maiores, pois teriam mais facilidade para reproduzir cores e também texturas fazendo com que elas explorassem o local. Inicialmente o processo foi lento, pois a maioria delas falaram: “eu não consigo fazer isso”, “como eu faço aquilo?” “Eu não sei desenhar!” Apesar disso, busquei conversar com o grupo sobre o que estavam sentindo. Após um tempo, elas/es conseguiram se ambientar melhor e se tornaram mais ativas e curiosas a respeito do desenho.

Criei meu próprio material base que foi uma prancheta de papelão mais um pegador que prendia a folha e elas poderiam apoiar, sendo assim facilitaria o desenho. Sentaram-se nas calçadas ou desenhavam em pé em frente ao objeto escolhido. Por um certo momento pensei que a atividade não poderia dar certo ou que elas/es eram muito pequenas/os para entender como funcionaria um desenho de campo. Entretanto, no final da atividade o grupo demonstrou bastante entusiasmo com que estavam fazendo. Acredito que é difícil organizar esse tipo de atividade com frequência, pois é necessário observar a turma atentamente e, ao mesmo tempo, instruí-la. Mas se essa atividade for feita com frequência se tornará algo mais fácil para ser implantado na rotina e fará com que as/os estudantes sejam pessoas mais críticas a respeito das coisas e observadoras do mundo. Para

desenhar é preciso observar o que você quer fazer, então essa atividade também se trata de como se lida com as situações desafiantes.



Fig 7, 8 e 9: Estudantes desenhando. Acervo pessoal.

Susana Rangel (2021), expõe uma fala sobre fazer um trabalho pedagógico em arte que seja alicerçado no protagonismo das crianças. Pois se não fizermos isso enquanto educadoras/es, poderemos estar impedindo as crianças de usufruírem de processos singulares de transformações dos materiais estéticos e sensíveis. Acredito que o trabalho da/o docente em artes visuais deve ter esse tipo de preocupação, pois o contato com esses materiais deve ir além do seu uso de

uma forma utilitarista, como para melhorar a sua coordenação motora ou para construir presentes em datas comemorativas. Mas sim, buscando trazer sentido para experiências estéticas vividas pelas/os estudantes, sem uma cobrança de resultados perfeitos e com a compreensão dos processos. A autora também reforça a importância e utilização dos objetos banais, corriqueiros e não usuais como materiais artísticos, sendo está uma possibilidade para o ensino. A mesma autora ainda afirma:

Os materiais-veículos tradicionais a produção de arte secular como carvão, pastel seco, sanguínea (uma especial de giz vermelho) papéis, tintas, telas, madeiras, mármore, argilas, pedras, metais, gesso entre outros convivem e dialogam com os diferentes materiais veículos vindos de bazares, imagens, supermercados, lojas de roupas, calçados, móveis, construção civil, etc. Podia dizer que eles perderam o protagonismo na produção contemporânea de Arte e o título “matérias de Arte” tendo em vista que hoje qualquer material, dos perenes aos efêmeros, como fumaça, gelo, alimentos, vento são considerados como matérias-veículo de arte. (RANGEL, 2021, p. 2)

A partir do desenvolvimento da arte/educação em sala de aula nota-se a necessidade de renovação da prática e também a escassez de recursos. A história da arte mostra que se pode trazer simplicidade junto a técnica, tendo resultados incríveis. Um exemplo disso é a têmpera ovo, uma espécie de tinta muito utilizada pela pintura clássica desde o período medieval nas iluminuras (pinturas com objetivo de ilustrar livros cristãos). A sua composição mais simples contém somente; gema de ovo, óleo vegetal e o pigmento moído através de um pilão por exemplo. Componentes de fácil acesso, podendo assim ser replicados sem complicação. Acredito que o resgate do fazer artístico a partir da prática das técnicas contribuem para o desenvolvimento da poética pessoal e uma melhor relação social com os espaços.

Os usos pedagógicos de materiais artísticos diversos são possibilidades para comunicação do indivíduo. No período pré-histórico os seres humanos usavam cavernas como suas telas/papéis e o carvão como o riscante que possibilitava a feitura dos seus desenhos. O que foi feito ali tinha um potencial de retratar as suas vidas cotidianas e também de afirmação da existência delas no mundo. Até hoje podemos ter acesso a esses documentos e sentir um pouco do que eles/elas sentiam. Através da técnica, o material pode atingir o seu melhor propósito. Entretanto, quando falamos de educação em escolas, o ensino das artes visuais deve ser flexível e adaptável às demandas diferentes que temos. Não podemos estimular e elogiar quem tem o "talento", mas todos, pois desenho/pintura deve ser um espaço coletivo de desenvolvimento, onde as/os estudantes possam compartilhar seus pensamentos e a sua cultura. Dessa forma, nos últimos dias de regência criei dinâmicas que envolviam o relacionamento social das/os estudantes e a autonomia de poder escolher os materiais artísticos/objetos com o que iriam se expressar/brincar.

Busquei aprofundar meus estudos a respeito do desenvolvimento infantil e um tema que me chamou bastante atenção foi o estímulo da criatividade. Tive como referência o livro *O Espírito criativo*, de Goleman, Kaufman, Ray de (1991) onde são abordados vários aspectos da criatividade, desmistificando mitos que nós conhecemos e replicamos cegamente. O livro não aborda a criatividade como um conceito a respeito de originalidade ou fluência em algo, mas ele fala sobre a necessidade de olhar o mundo como um lugar mais fértil do que imaginamos. E tendo essa percepção podemos desempenhar melhor nossas atividades cotidianas sem sofrer tantas pressões para atingir objetivos e nos conhecendo melhor. Um dos capítulos desse livro aborda como a criatividade se manifesta nas crianças e como podemos alimentá-la.

As expressões psicológicas que inibem a criatividade da criança ocorrem bem cedo na vida muitas crianças no jardim da infância da pré-escola e mesmo do primeiro ciclo gostam da escola interessam-se por aprender e explorar, mas quando estão no quarto ou quinto ano poucos apreciam ou sentem prazer com a própria criatividade. (GOLEMAN, KAUFMAN, RAY, 1992, p. 53)

Quando pensamos em artes também pensamos em criatividade, pois podemos construir isso através dos materiais artísticos que serão ofertados aos estudantes.

A criatividade desabrocha quando fazemos as coisas por prazer, quando uma criança aprende de uma forma criativa a conservar a alegria importa tanto quanto fazer certinho se não mais o que vale é a satisfação não a perfeição. O melhor é acompanhar, não forçar: deixe a criança assumir a dianteira. (GOLEMAN, KAUFMAN, RAY, 1992. p. 59)



Fig. 10, 11 e 12: Atividades em sala de aula com uso de materiais artísticos diversos. Acervo Pessoal.

Em minha prática durante o estágio existia um problema que era uma certa apatia por parte de algumas crianças, pois é algo natural de acontecer porque cada um tem a sua singularidade. Todavia, investigando melhor o cotidiano de sala de aula percebi que existem alguns comportamentos que podem de certa forma não instigar a criatividade das crianças, entre elas: vigilância, avaliação, recompensas, competição, controle excessivo, restrição de escolhas e pressão. Notei que esses são comportamentos frequentes entre professoras/es e estudantes em sala de aula. Fazendo um ato reflexivo comecei a pensar como eu não queria ser uma arte/educadora que constrange o processo criativo, mas, é possível que nesta experiência isso tenha acontecido. Percebi isso lendo o seguinte trecho:

Restrição de escolhas: dizer às crianças quais atividades devem empreender em vez de deixar e se encaminhe para onde levam a curiosidade e a paixão. O melhor é permitir que escolham o que elas interessarem e apoiarem essa inclinação. Controle excessivo: dizer às crianças minuciosamente o que devem fazer a sua tarefa de casa, seu trabalho doméstico e até suas brincadeiras. Pais e professores frequentemente confundem esse tipo de micro gerenciamento com seu dever de instruir, isso leva a criança a sentir toda originalidade é um erro, toda exploração uma perda de tempo. Vigilância das crianças fazendo as sentir que estão sendo constantemente observadas enquanto trabalham. Sob a observação constante, a criança não mais assume riscos e o impulso criativo se retrai. A avaliação consiste em fazer as crianças se preocuparem com julgamento alheio do seu trabalho. Elas devem primeiramente ficar satisfeitas com suas realizações em vez de se inquietar com avaliações notas opinião dos colegas. (GOLEMAN, KAUFMAN, RAY; 1992, p. 52)

ABORDAGEM TRIANGULAR E O ENSINO DE ARTES VISUAIS

A abordagem triangular surgiu através da professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa, no ano de 1987 quando percebeu a necessidade de uma sistematização do ensino em Artes nas escolas. A sua principal influência foi o educador Paulo Freire, que foi seu professor de língua portuguesa no cursinho para concursos. Na década de 90 a Abordagem Triangular passou a ser colocada em prática. Logo depois, ficou conhecida como Triangular e/ou Abordagem Triangular. Entre essas duas nomenclaturas foi escolhido o nome de Abordagem Triangular (Barbosa, 2010, p.11). Essa proposta educacional é sustentada por três pilares: a contextualização histórica, apreciação ou fruição e o fazer artístico que é a prática. Não é necessário em uma técnica artística acadêmica, mas sim o reforço no uso da

criatividade, inventividade e subjetividade tudo isso com uma mediação feita pelo Arte-Educador em sala de aula. Para entender mais a fundo é necessário olhar os três pontos propostos.

O primeiro é o **contexto**, ele permite entender em que condições a obra foi produzida, bem como as relações de poder que estão implícitas nessa produção. Adaptando a linguagem de acordo com os aspectos que vão contextualizar aquela produção podemos ver aspectos simbólicos, históricos, temporais e sociais a fim que o aprendiz em artes consiga relacionar e inferir sobre aquela imagem apresentada. Em sala de aula, o professor, na sua aplicação deve procurar conhecer o contexto o qual a obra escolhida foi produzida, para isso é preciso procurar estabelecer perguntas motivadoras: qual artista produziu? Em que época? Quais elementos estão presentes nas imagens?

Na imagem 11 mostro uma experiência vinda de um contexto escolar, o Dia da Árvore. A aula se iniciou com a leitura de um livro infantil que contava uma fábula sobre “a árvore sem folhas”. A partir desse conto, foi proposta uma atividade: como eles resolvem o problema da árvore? Fiz uma proposta, utilizando uma cartolina de papel Kraft grande que estava largada, colocando-a no chão e com ajuda dos estudantes desenhei e pinte um tronco de uma árvore. Nesse momento perguntei como eu deveria fazer, quais são as cores das e podemos utilizar, os estudantes sempre eram bastante solícitos e interessadas/os. A árvore do conto não poderia produzir folhas, mas foi proposto que eles teriam o papel de “vestir” pintado com tinta guache e usando um molde vazado de folha para completar os espaços. Fazendo isso eles conseguiram transferir a narrativa do campo das ideias para o papel sem se sentirem frustrados. Saindo do modelo de desenho com indicação temática que é muito forte no ensino infantil e fundamental todo.

O **contexto** também permanece ligado ao eixo da **leitura de imagem** pois é necessário relembrar como aconteceu para que possamos criticar, reforçar, modificar ou pelo menos reproduzir mudando o contexto, como nessa pergunta: quais outros elementos contextuais são importantes a considerar que poderíamos ter influenciado a obra?

Poderíamos usar diversas fontes de informação para pesquisar e fundamentar o conhecimento como, tais como: livros de história, filosofia, história da arte, jornais, revistas e a própria internet (que é predominante hoje em nossa sociedade). É importante também guardar as respostas e indagações obtidas por meio da pesquisa a fim que sirvam como referência para a sua releitura pessoal. Então é necessário pensar como tais características selecionadas por você podem ser reaproveitadas com as diversas adequações no novo contexto da releitura. A **apreciação** está organizada diante os aspectos que lidam com as interações entre o sujeito e os artefatos da arte. Deste modo, são mobilizadas competências de leitura que requerem do sujeito o domínio dos códigos estruturantes e suas relações

formais. Diante disso, ainda falando sobre o Dia da Árvore, quando nós terminamos de pintar e desenhar a arte final ficou pendurada em um varal na parede da sala. Ao longo dos dias as crianças iam lá olhar e conversar sobre o elas tinham feito. Na **fruição** também surgem os aspectos simbólicos da produção artística e de como a pessoa que dialoga com o artefato atribui a ele determinados significados. Aqui se operam uma série de relações provocantes pela interação entre o sujeito e o objeto.

Esse eixo possibilita a percepção das interações entre os componentes dos objetos artísticos, na relação que ocorre entre o sujeito e a própria obra de arte. No eixo de **produção**, estão envolvidos aspectos da **criação artística**. Nele, o sujeito torna-se autor e precisa mobilizar conhecimentos sobre as linguagens para transformá-las em invenções artísticas. Aqui estão envolvidos elementos de natureza formal e simbólica.

É nesse eixo que a/o estudante já tem condições de produzir. Todas as etapas que ele já percorreu permitem que ele se lance na produção artística, de modo qualificado, crítico e sensível. Retomando que a abordagem triangular não tem um caminho “certo” ou pré-determinado, a produção artística não precisa necessariamente ser a última parte do projeto. Após a contextualização o aprendiz em artes pode já começar a fazer a sua releitura e depois analisar aquela imagem. Um conceito importante que a essa proposta constrói é a **estética** sendo ela presente na nossa vida em exatamente tudo e o seu estudo permite que os estudantes consigam ver a arte de uma forma plural, diversa e possibilita a ampliação do repertório cultural



Fig. 13,14,15 e 16 atividade em sala de aula utilizando a técnica de papel machê. Acervo pessoal

Em busca de interligar o contexto, releitura e essa criação artística desenvolvi uma atividade trabalhando as formas dos animais, porque percebi que elas/es gostavam bastante de brincar de imitação. Então listei os bichos que eles mais gostavam, produzi formas básicas e apliquei no papelão para eles preencherem. Inicialmente não deu muito certo, pois o papel manche natural não foi atrativo visualmente para eles. Então separei em quatro partes e colori. Quando ofereci a

eles no mesão foi muito bom ver, a empolgação e dei a opção de escolherem o animal para preencher a forma de uma maneira tridimensional.

CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS

Para mim é complexo dissertar sobre a minha atuação como arte educadora, pois esta foi a minha primeira experiência de estágio em uma escola. Apesar de ter sido algo nostálgico, voltar à instituição que eu frequentei criança, agora adulta, senti o peso da responsabilidade. Artes é uma disciplina em que no ambiente da educação infantil acaba sendo “um pouco de tudo”, ficando reservada para a sexta-feira da recreação/brincadeira. Assim que a fase da regência do meu estágio começou, assumi um compromisso comigo e com as/os estudantes de estruturar os conhecimentos sobre artes. Usar os materiais artísticos, anteriormente guardados no armário e que agora seriam colocados para manipulação. Uma das maiores dificuldades foi a administração do espaço e do tempo, o que acabou me frustrando bastante, então aprendi a me planejar melhor e ao longo das semanas fui entendendo qual seriam as melhores opções. Aprendi que o professor precisa estar em constante mudança e adaptação para conseguir absorver todas as transformações que ocorrem em sala de aula. Essa incompletude nem sempre é prazerosa, pois quando se trata do nosso interior eu sempre tenho a tendência a me acomodar para sofrer menos. As/s estudantes se tornaram a minha maior motivação, juntamente com a minha professora supervisora que acreditava nas minhas ideias e me auxiliava para fazê-las acontecer. Sem a ajuda dela metade desses relatos descritos nesse artigo não existiriam.

*A maior riqueza
do homem é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.
Manoel de Barros*

Esse poema do Manoel de Barros fala sobre ser incompleta e ter a possibilidade de me renovar, assim como as borboletas. Antes de serem animais espetaculares pousando em flores no jardim, se recolhem no casulo onde após um tempo mudam a sua estrutura corporal. Pensando nisso, comecei a me perdoar depois de uma "aula ruim" ou da reação inesperada de algum estudante.

Utilizei a abordagem triangular na elaboração dos meus planos de aula por uma questão de identificação com as finalidades propostas pela autora Ana Mae. Em ação tive dificuldades iniciais, principalmente na questão da contextualização. As crianças tinham por volta de 5 a 6 anos, então eu tinha que ter cuidado com a escolha das palavras para que facilitasse o entendimento delas. As aulas não podiam começar sendo expositivas frequentemente, passando de cinco minutos de argumentação, pois deixavam elas/es bastante ansiosas/os. Ao mesmo tempo que eu me sentia no dever de ampliar o repertório cultural, também tive que me adequar e respeitar os limites das/os estudantes. Somente dessa forma eles conseguiram avançar, e a cada aula se concentravam mais no que era proposto.

Como arte educadora, elaborei um plano de aula, diário, semanal ou mensal tendo em mente os conteúdos que queria abordar e até quanto as/os estudantes vão absorver daquilo (os objetivos). Acredito que a minha maior dificuldade foi atravessar essa linha da experimentação para expressão, é necessário saber a técnica do material (para que ele serve) e depois disso é possível se criar ou reinventar. Faltou uma melhor amarração das propostas para chegar nessas finalidades, se eu pudesse reorganizar essas propostas daria maior foco a isso. Pois a minha maior motivação de ser uma arte educadora é incentivar a produção artística entre as pessoas. Em algum momento acabei perdendo esse foco no fazer e no prazer em se comunicar através do suporte não somente replicar técnicas. Também faço uma reflexão sobre os materiais artísticos ofertados nas escolas que não possibilitam um aprofundamento necessário naquela temática abordada. As adaptações feitas são bem-vindas, mas em excesso acabam prejudicando as/os próprios estudantes, quando falamos do uso dos materiais temos que pensar na estrutura de suporte. Local para limpeza das mãos, dos pincéis, potes de armazenamento de água, flanelas, cestos de lixo, salas de aula com espaço para que os estudantes se sintam à vontade para trabalhar. Em 90% das aulas eu trouxe também matérias de apoio para que elas/es pudessem ter a oportunidade de sair do convencional, e não falo de materiais caros, mas sim adequados, como uma prancheta para desenhar ou papéis grossos de tamanho grande. No momento da execução das pinturas e desenho fez bastante diferença, motivando-os. Por fim, penso que apesar dos desafios enfrentados, consegui completar os objetivos estabelecidos inteiramente ou parcialmente. Levo essa experiência com preciosismo na minha memória, aprendi muito com a instituição que fui acolhida, professoras e principalmente as crianças. Todas elas me trouxeram bastante esperança por meio da felicidade, curiosidade e empenho e carinho recebidos

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Abordagem Triangular no ensino das artes visuais e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 1991.

BARROS, M. **Retrato Do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

CUNHA, S. R. V. da. Materiais da/de Arte para as crianças. **Olhar de Professor**, Rio grande do Sul, v. 24, p. 1–25, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.17695.037. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/17695>. Acesso em: 14 de março de 2023.

GOLEMAN, KAUFMAN, RAY. **O espírito criativo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

RANGEL, S. V. C; SABALLA, R, C . **Arte contemporânea e docência com crianças**: Inventários educativos. Rio Grande do sul, ZOUK, 1º edição 2021.

WOSNIAK, F.; LAMPERT, J. Arte como experiência: ensino/aprendizagem em Artes Visuais. **Revista GEARTE**, Florianópolis/SC, v. 3, n. 2, 2016. DOI: 10.22456/2357-9854.62933. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/62933>. Acesso em: 21 março 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo : editora paz e terra, 1974.